
A PALAVRA NA MORFOLOGIA E NA FONOLOGIA

Flaviane Romani Fernandes Svartman
(USP/CNPq)
Luciani Tenani
(Unesp/CNPq)

INTRODUÇÃO

A palavra é uma unidade linguística que, na tradição ocidental, tem despertado o interesse de filósofos gregos e latinos desde a antiguidade clássica e a sua complexidade linguística continua a desafiar os pesquisadores da linguagem na contemporaneidade. Dentre o leque de abordagens dadas a esse objeto, lançamos luz àquela que problematiza a não isomorfia necessária da palavra na morfologia e na fonologia. Nosso objetivo é tratar, na próxima seção, das noções de palavra na morfologia e na fonologia, com base em dados do português brasileiro (PB), apresentando evidências segmentais, rítmicas e entoacionais desse domínio de análise. Na seção seguinte, aprofundamos a reflexão sobre a interface morfologia-fonologia, sistematizando características de compostos prosódicos e morfossintáticos, em uma subseção, e dos clíticos e seus hospedeiros, noutra subseção.

Os compostos podem ser definidos por um vocábulo formado por dois ou mais semantemas¹ que passam a constituir uma unidade de significação, como “gira” e “sol” > “girassol”. São especialmente relevantes porque, fonologicamente, continuam a ser duas palavras, por manterem seus acentos. Nesse caso, uma palavra na morfologia corresponde a duas na fonologia. Os clíticos fonológicos são igualmente relevantes para a problematização almejada porque se caracterizam por não terem acento, uma propriedade que identifica a palavra na fonologia, e, conseqüentemente, dependem de outra palavra que tem acento, que passa a ser a palavra hospedeira do clítico. Essa relação de dependência pode gerar dificuldades para o falante/ouvinte do PB distinguir uma palavra de uma sequência de clítico e hospedeiro, como em “com paixão” e “compaixão”, por haver uma configuração segmental e métrica muito semelhante entre essas estruturas. Esses são exemplos de não haver coincidência entre as fronteiras de palavras na morfologia e na fonologia, tema que alinhava as reflexões deste capítulo.

1. A PALAVRA NA MORFOLOGIA E NA FONOLOGIA

Embora o uso do termo “palavra” seja cotidianamente comum, defini-la não é uma tarefa simples, dado que podemos nos valer de diferentes perspectivas para abordá-la.

Se tomamos como base a escrita, os limites da palavra podem ser identificados por marcas gráficas que são separadores específicos, como espaços em branco, quebras de linha, sinais de pontuação, letras de traçado diferente ou consoante ocupando a posição final da palavra escrita (ROSA, 2011). Em português, além dessas marcas, o uso de hífen também deve ser levado em conta na delimitação da palavra. Por exemplo, o hífen pode diferenciar palavras compostas de pala-

1 De acordo com Monteiro (2002, p. 14-15), semantema é a parte da palavra em que se encontra o significado lexical. Trata-se de uma espécie de morfema que concentra o núcleo significativo da palavra. Por exemplo, na palavra “belíssimas”, há o semantema [bel] e os morfemas [íssim + a + s].

avras simples, embora também haja casos de palavras compostas cujas fronteiras não são delimitadas por hífen, como em “girassol”. Em (1a), os dois elementos delimitados por hífen formam uma palavra composta, já em (1b) os dois elementos separados pelo espaço em branco são, cada um, uma palavra simples.

- (1) a. guarda-chuva = 1 palavra composta
b. grande chuva = 2 palavras simples

Como observa Rosa (2011, p. 75), a palavra gráfica, como conhecemos, é um artifício recente. Na escrita bustrofedônica dos gregos (século VI a.C.), não havia qualquer separação entre palavras. A escrita hieroglífica do Egito Antigo (5000 a.C. a 100 d.C.) delimitava fronteira de palavra por um símbolo especial, o determinativo, que tinha por função classificar as palavras. Nas escritas alfabéticas (séculos I e II), as palavras eram delimitadas pelo uso de ponto entre elas. Mesmo depois do uso de separadores, o seu emprego nem sempre coincidiu com as fronteiras gráficas de palavras das escritas modernas. Preposições e palavras curtas eram unidas, de um modo geral, às palavras seguintes (BISCHOFF, 1986, p. 173 *apud* ROSA, 2011, p. 76). Os separadores em textos antigos podiam refletir também estágios anteriores da língua, como no caso de formas como “tal vez” e “por tanto”, grafadas separadamente mesmo depois de já serem consideradas, respectivamente, como uma única palavra. Quanto ao aspecto gráfico, ainda cabe acrescentar que algumas palavras têm seus significados reconhecidos por meio do registro ortográfico, como em “seção”, “sessão”, “cessão”, que são três palavras distintas com a mesma cadeia segmental e acentual, e, ainda, casos como em “com pressa” e “compressa”, que também podem ter a mesma realização fônica, porém a grafia favorece identificar que se trata de uma ou duas palavras.

Por outro lado, se tomamos como base a fala, como definimos ou delimitamos a palavra? Os falantes conseguem depreender in-

tuitivamente a unidade “palavra” em um contínuo sonoro, com base em estratégias prosódicas relevantes em sua língua, como através da identificação do acento. Falantes do inglês segmentam o enunciado em palavras com base no ritmo acentual. Uma vez que a maior parte das palavras em inglês têm sílaba tônica inicial, os falantes dessa língua identificam a fronteira inicial da palavra. Já em português, o acento ocorre sempre em uma das três últimas sílabas. Logo, os falantes de português mais facilmente identificam a fronteira final das palavras.

A caracterização da palavra pode variar a depender do meio, se falado ou escrito, e ainda se considerarmos as diferentes perspectivas de estudo de suas características linguísticas: morfológica, fonológica ou sintática.

Neste capítulo, trataremos da concepção de palavra do ponto de vista morfológico e fonológico.

1.1 A PALAVRA COMO UNIDADE DA MORFOLOGIA

A palavra como unidade da morfologia pode ser entendida como elemento do vocabulário. No geral, palavra e vocábulo são termos utilizados para designar um conjunto de fonemas que expressam um significado (MONTEIRO, 2002). Todavia, o termo “palavra” abrange um significado específico em termos morfológicos, como um elemento provido de significado lexical (MONTEIRO, 2002). Vocábulo, por sua vez, é o termo utilizado para designar tanto elementos com significado lexical, quanto elementos apenas com valor gramatical.

Os elementos com significado lexical são as chamadas “formas livres”, que podem funcionar isoladamente como comunicação suficiente (BLOOMFIELD, 1933; CÂMARA JR., 1967 *apud* CÂMARA JR. 2011[1970]), formam enunciados com significação. São exemplos de formas livres: nomes e verbos.

- (2) O que você vai fazer?
 - a. Sair.

Em (2a), o verbo “sair” é uma forma livre, pois forma enunciado completo, com significação, em resposta à pergunta que o antecede.

Por sua vez, os elementos apenas com valor gramatical, são as “formas dependentes” (CÂMARA JR., 1967 *apud* CÂMARA JR. 2011[1970]), também chamados de instrumentos gramaticais (MONTEIRO, 2002, p. 12). Câmara Jr. (1969, p. 37 *apud* CÂMARA JR. 2011[1970]) define “forma dependente” como “forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa², porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada”. Preposições, conjunções e determinantes são exemplos de formas dependentes. Em (3), a preposição “de” é uma forma dependente, porque não pode formar enunciado isoladamente para poder ser considerada uma forma livre, e tem a função de relacionar gramaticalmente “gosto” e “café”. Também não pode ser considerada uma forma presa porque pode aparecer disjunta da forma livre “café”, a que se encontra ligada fonologicamente, como ilustrado em (3b), onde aparece o elemento interveniente “pouco” entre “de” e “café”; tão pouco está presa a “gosto”, porque pode aparecer disjunta dessa forma livre, a que se encontra ligada sintaticamente, como ilustrado em (3c), onde aparece o elemento interveniente “muito” entre “gosto” e “de”.

- (3) a. Gosto **de** café.
 b. Gosto **de** pouco café.
 c. Gosto muito **de** café.

Em suma, palavras são vocábulos do tipo “forma livre”, que são providos de significação externa, concentrada no radical, vocábulos providos de semantema. Vocábulos, também denominados “vocábulos formais ou mórficos”, conforme Câmara Jr., são formas não presas mínimas, englobando formas livres (nomes e verbos) e formas depen-

2 Segundo Bloomfield (1933, p. 160 *apud* CÂMARA JR., 2011[1970], p. 69), formas presas só funcionam ligadas a outras (como *pro-* de *proscreever*, *prometer* etc.).

dentes (preposições, conjunções). Daí a conclusão de Monteiro (2002, p. 12): “Toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra.”

1.2 A PALAVRA COMO UNIDADE DA FONOLOGIA

A palavra, como unidade da fonologia, é definida a partir de critérios prosódicos, mais especificamente a partir de acento tônico. Assim, a definição de palavra, em termos fonológicos, não se baseia na escrita ou nos critérios utilizados na morfologia, como o significado lexical ou o valor gramatical.

Câmara Jr. (2011)[1970] designa a palavra no domínio da fonologia como “vocábulo fonológico”, sendo esse resultante da divisão espontânea na cadeia de emissão vocal, definido pela pauta prosódica, determinada pelo acento tônico.³ Para o autor, é a unidade portadora de um acento do nível 2 ou de um acento do nível 3, sendo o nível 2 correspondente ao acento principal de palavra e o nível 3 correspondente ao acento principal de grupo de força.⁴ Nos exemplos em (4), são vocábulos fonológicos “três”, portador de acento do nível 2, “cadernos”, portador de acento do nível 3, além de “me deu” e “deu-me”, ambos portadores de acento de nível 3.

(4) a. três cadernos

2 1 3 0

b. me deu

1 3

c. deu-me

3 0

3 “Assim, o vocábulo fonológico é uma unidade prosódica, caracterizada por um acento e dois graus de atonicidade possíveis antes e depois do acento. Corresponde no plano mórfico à “forma livre” de Boomfield.” – Câmara Jr. (1976, p. 37).

4 Notação da pauta acentual para Câmara Jr.: 0 = sílaba postônica; 1 = sílaba pretônica; 2 = sílaba portadora de acento principal de palavra; 3 = sílaba portadora de acento principal de grupo de força. Quanto à expressão “grupo de força”, o autor a define como sequência de vocábulos sem pausa.

A pauta acentual em (4b) e (4c) mostra a relação de dependência fonológica das formas dependentes em relação às formas livres, na medida em que “me”, com índices 1 e 0, tem o estatuto de sílaba pretônica e sílaba postônica em “me deu” e “deu-me”, respectivamente, da mesma maneira que, em (4a), “ca”, com índice 1, tem o estatuto de sílaba pretônica e “nos”, com índice 0, tem o estatuto de sílaba postônica na palavra “cadernos”. Portanto, conforme o conceito de vocábulo fonológico de Câmara Jr., “me deu” e “deu-me”, expressões constituídas por uma forma livre e uma forma dependente (proclítica e enclítica, respectivamente, nos dois casos), formam um vocábulo fonológico. Já as formas livres “três” e “cadernos” formam cada uma um único vocábulo fonológico.

Outros termos que correspondem, em certa medida, ao conceito de vocábulo fonológico são “palavra fonológica” ou “palavra prosódica”, doravante PW, do inglês “prosodic word” (NESPOR; VOGEL, 1986; 2007; SELKIRK, 1984; 1986; 1995). Tais denominações têm em comum com o termo “vocábulo fonológico” o fato de se referirem a uma unidade fonológica que tem acento primário definido no léxico. Entretanto, o arcabouço teórico envolvido na concepção desses termos é diferente (estruturalismo no caso do vocábulo fonológico e gerativismo no caso da palavra fonológica ou PW) e a delimitação deles também pode ser distinta a depender da informação morfossintática que se considera. Em (4b) e (4c), “me deu” e “deu-me” são considerados como um único vocábulo fonológico, que abrange a forma dependente “me” e a forma livre “deu”. Porém, se consideramos o critério de delimitação de PW de Nespors e Vogel (2007), “deu” é PW, por ter acento, e “me” é clítico prosódico, por ser desprovido de acento, e seu hospedeiro é a palavra “deu”. O clítico “me” mais seu hospedeiro “deu” formam o domínio prosódico denominado pelas autoras de grupo clítico: (me_{Cl}deu_{PW})C⁵; (deu_{PW}-me_{Cl})C.

5 Cl: clítico (do inglês, *clitic*); PW: palavra prosódica (do inglês, *prosodic word*); C: grupo clítico (do inglês, *clitic group*).

Levando em conta o critério segundo o qual, para termos uma palavra, do ponto de vista fonológico, é necessária a identificação de acento, nota-se a possibilidade de não isomorfia entre vocábulo mórfico e PW.

Formas livres, ou seja, palavras (elementos com significado lexical), são vocábulos mórficos que consistem em palavras prosódicas por possuírem acento lexical. Porém, formas dependentes (elementos sem significado lexical, mas com valor gramatical) podem ser clíticos fonológicos ou palavras prosódicas.

Em (5a), temos vocábulos mórficos que se distinguem em formas livres (palavras) das classes dos nomes (“hospital”, “belo”) e dos verbos (“hospitalizar”, “embeleazar”) e, em (5b), formas dependentes classificadas como preposições (“a”, “de”, “para”, “sem”, “em” e “perante”) e conjunções (“e”, “se” e “que”).

- (5) a. hospital, hospitalizar, belo, embeleazar
b. a, de, e, para, se, que, sem, em, nem, perante

Fonologicamente, independentemente da classificação morfológica, só são palavras os elementos que detêm acento lexical. Portanto, do conjunto em (5) resulta o subconjunto em (6) contendo somente palavras prosódicas.

- (6) (hospital)_{PW}, (hospitalizar)_{PW}, (belo)_{PW}, (embeleazar)_{PW}, (sem)_{PW}, (nem)_{PW}, (perante)_{PW}

Através da observação desse subconjunto, constata-se que formas livres (palavras) são sempre palavras prosódicas, mas formas dependentes podem ou não ser palavras prosódicas. Se possuem acento lexical são palavras prosódicas, como “sem”, “nem” e “perante”, se não possuem essa característica, são, como aparece em (7), clíticos fonológicos, correspondentes prosodicamente a sílabas átonas.

(7) (a)_{Cl}, (de)_{Cl}, (e)_{Cl}, (para)_{Cl}, (se)_{Cl}, (que)_{Cl}, (em)_{Cl}

Mas como saber o estatuto prosódico da forma dependente, ou seja, se tem ou não acento lexical? A resposta a esta pergunta está no fato de as formas poderem ou não sofrer reduções. Formas dependentes com estatuto de clítico fonológico estão sujeitas a reduções; formas dependentes com estatuto de PW não sofrem redução. Observemos os exemplos em (8):

(8) a. “sem” s[ẽ̃]m, *s[ĩ]m; “nem” n[ẽ̃]m, *n[ĩ]m
 b. “em” [ẽ̃]m, [ĩ]m; “para” [pare], [pra], [pa]; “de” [de], [dɛi]; “e” [e], [i]

Apenas “sem” e “nem” são formas dependentes que não podem sofrer redução (respectivamente, *s[ĩ]m; *n[ĩ]m) em (8), pois possuem acento lexical e a sílaba que contém tal atributo não pode ser reduzida. As demais formas dependentes são todas clíticos fonológicos por sofrerem redução.

Essa é a primeira assimetria a se constatar quanto à classificação de palavra do ponto de vista morfológico e palavra do ponto de vista fonológico: formas dependentes não são consideradas palavras morfológicamente, mas podem o ser fonologicamente, se forem detentoras de acento lexical.

A segunda assimetria a ser notada entre fonologia e morfologia no que se refere à palavra é quanto ao tamanho. A PW não possui necessariamente o mesmo tamanho do vocábulo mórfico, podendo ser igual, menor ou maior que este.

A PW é do mesmo tamanho do vocábulo mórfico no caso de formas livres (9a) e formas dependentes acentuadas (9b).⁶ Já é menor que o vocábulo mórfico no caso de palavras compostas (9c) e de elementos que contém prefixos e sufixos portadores de acento próprio, respectivamente, (9d) e (9e).⁷ Por sua vez, a PW é maior que o vocábulo mórfico quando as palavras lexicais sofrem processo de ressilabificação (elemento em *itálico* em (9f)) ou no caso de clítico (forma dependente não acentuada) mais hospedeiro (forma livre), (9g) e (9h). Cabe notar que o caso de clítico mais hospedeiro se configura como um caso de PW em concepções como a de Selkirk (1984; 1986) ou de Câmara Jr. (2011)[1970], sendo que o termo utilizado por este último autor é “vocábulo fonológico”. Na concepção de Nespor e Vogel (2007), clítico e hospedeiro formam o domínio do grupo clítico, já referido anteriormente e a ser retomado na última seção.

- (9) a. [(**menina**)_{PW}]
 b. [(**sem**)_{PW}]
 c. [(**beija-**)_{PW}(**flor**)_{PW}]
 d. [(**bi**)_{PW}(**anual**)_{PW}]
 e. [(**hotel**)_{PW}(**zinho**)_{PW}]
 f. [mar] [aberto]; no nível pós-lexical: [(**ma**)_{PW}] [(*[r]***aberto**)_{PW}]
 g. [(**cale**)-[se)]_{PW}
 h. ([a] [**bola**)]_{PW}

6 Sílabas em negrito: sílabas portadoras de acento primário (principal de palavra ou acento lexical); colchetes “[]”: delimitam fronteira de palavra morfológica; parênteses “()”: delimitam fronteira de palavra prosódica; elementos sublinhados: prefixos ou sufixos.

7 É interessante notar que, nos casos de prefixos e sufixos com acento próprio, temos, muitas vezes, formas presas que, portanto, não constituem um vocábulo mórfico, mas correspondem a uma palavra prosódica.

Neste capítulo, detalharemos a assimetria entre a concepção de palavra do ponto de vista morfológico e a concepção de palavra do ponto de vista fonológico, levando em conta o caso dos compostos (seção 2) e do clítico e o seu hospedeiro (seção 3). Todavia, antes cabe mostrarmos a relevância da proposição da PW em português, como domínio de ocorrência de processos fonológicos e independente da noção morfológica de palavra ou de vocábulo mórfico.

A PW é o domínio da atuação de regras em PB, como: (a) elevação da vogal átona final; (b) harmonia da pretônica; (c) neutralização das vogais médias em posição pretônica; e (d) atribuição de acento tonal.

Os dados em (10) mostram que, em final de palavra, as vogais médias-altas postônicas sofrem elevação, sendo /o/ realizado como [ʊ] e /e/ realizado como [ɪ]. Mas o domínio de ocorrência dessa regra é o final de PW e não de vocábulo mórfico, posto que as vogais médias-altas no final do primeiro membro dos compostos (10b) também sofrem elevação e não só as vogais na fronteira do vocábulo mórfico.

(10) a. **ant**[ɪ]s, **men**[ʊ]s, **mesm**[ʊ], **surd**[ʊ]

b. **surd**[ʊ]-**mud**[ʊ]; **cin**[ɪ]-**club**[ɪ]; **aut**[ʊ]-**peças**

Outra regra cujo domínio é a PW é a harmonia da pretônica na variedade paulista do PB, dentre outras. As vogais médias-altas pretônicas podem assimilar a altura da vogal da sílaba tônica adjacente. Os exemplos em (11) mostram que a harmonização se restringe ao domínio da PW: em (11a), ocorre o alçamento das vogais médias-altas [e] e [o] em razão da vogal alta [i] na sílaba tônica; em (11b), a vogal média-alta [e] de “semi” e “ex” não harmoniza em altura com a vogal tônica [i] de “intensivo” e “tira”, pois “semi” e “ex” formam palavras prosódicas independentes; em (11c), também não há alçamento da vogal pretônica [o] das formas verbais “p[o]deria” e “c[o]rriera”,

pois há uma fronteira morfológica importante – segundo Schwindt e Collischonn (2004), o sufixo do futuro do pretérito “ria”, que tem vogal alta, tem comportamento de PW, diferentemente do sufixo do pretérito imperfeito “ia”, que tem vogal alta também, mas não tem comportamento de PW, o que permite a harmonização vocálica, como mostrado por e exemplificado em (11a).

- (11) a. b[i]bida; f[i]rida; p[u]dia; c[u]rria
 b. *s[i]mi-intensivo; *[i]x-tira
 c. *p[u]deria; *c[u]rria

Assim como as duas primeiras regras, a neutralização das vogais médias pretônicas também tem como domínio a PW. Os dados em (12) mostram que a vogal média-baixa sofre neutralização em posição pretônica, (12a) e (12b), mas a neutralização se restringe ao domínio da PW. Em (12c), a vogal média-baixa de “pré” não sofre neutralização, pois forma PW independente de “nupcial”.

- (12) a. b[ε]lo > b[e]leza
 b. l[ε]ve > l[e]veza
 c. pr[ε]-nupcial; *pr[e]-nupcial

Além de regras segmentais, como as apresentadas anteriormente, também regras suprasegmentais têm o domínio da PW em português. O dado em (13), adaptado de Vigário e Fernandes-Svartman (2010), mostra que a atribuição de acentos tonais tem como domínio a PW na variedade paulista do PB, já que às sílabas tônicas de cada um dos membros do composto “macro-endividamento” se encontram associados acentos tonais (L* associado a “ma” de “macro” e H+L* associado a “men” de “endividamento”) e não apenas às sílabas tônicas dos vocábulos mórficos. Se fosse assim, deveria ser encontrado acento

tonal associado apenas à sílaba tônica do segundo membro do composto “macro-endividamento”.

- (13) [(os **homens**)PW] [(**temiam**)PW] [(o **macro-**)PW(**endividamento**)PW]
- | | | | | |
|----|------|----|---|------|
| | | | | |
| L* | H+L* | L* | H | H+L* |

Essas considerações gerais permitiram traçar o quadro complexo sobre a noção de palavra, tendo sido apresentado um conjunto de evidências da não isomorfia das fronteiras de palavra na morfologia e na fonologia. Na próxima seção, detalharemos essa importante característica observável nos compostos.

2. O COMPOSTO MORFOLÓGICO E O COMPOSTO PROSÓDICO

Do ponto de vista morfológico, o composto pode ser compreendido como um vocábulo formado por dois ou mais semantemas (MONTEIRO, 2002) e, ainda, por dois acentos (sílabas em negrito em (14)). Esses elementos, que passam a constituir uma unidade de significação, podem aparecer graficamente unidos (14a), separados por hífen (14b) ou separados por espaço em branco (14c). No entanto, cada elemento mantém sua independência fonológica, como indicado em (14a', b' e c'), o que configura a primeira assimetria entre os pontos de vistas fonológico e morfológico a ser notada ao considerarmos os compostos, a qual diz respeito ao tamanho: o domínio morfológico da palavra é maior que o domínio fonológico, como demonstrado pela delimitação da PW através dos parênteses e pela delimitação da palavra morfológica através dos colchetes.

- | | |
|--------------------|-----------------------------------------------------------|
| (14) a. passatempo | a'. [(passa)PW (tempo) _{PW}] |
| b. guarda-chuva | b'. [(guarda)PW (chuva) _{PW}] |
| c. Porto Alegre | c'. [(Porto)PW (Alegre) _{PW}] |

A partir da análise da variação gráfica dos exemplos em (14), cabe o questionamento sobre a diferença entre um composto, um único vocábulo formado por dois semantemas (15a), e uma locução, formada por dois vocábulos (15b).

- (15) a. guarda-chuva
b. grande chuva

Conforme Câmara Jr. (2011 [1970], p. 70), embora os exemplos em (15a) e (15b) tenham a mesma pauta acentual, ou seja, em “guarda-chuva”, cada um dos elementos possui um acento, assim como em “grande chuva”, “grande” possui um acento e “chuva” possui outro, há diferenças entre eles no tocante à maior rigidez de construção. Entre “grande” e “chuva” podem ocorrer elementos intervenientes e ambos os elementos podem sofrer flexão de número, como pode ser visto em (15’b). Já, como se atesta em (15’a), não é possível elemento interveniente entre “guarda” e “chuva” e o primeiro elemento de “guarda” não pode sofrer flexão de número.

- (15’) a. *guarda-muita-chuva; *guardam-chuvas
b. grande e estrondosa chuva; grandes chuvas de verão

Ainda quanto à rigidez da construção, como notado por Câmara Jr., é possível a omissão, sem grande prejuízo de sentido, de um dos elementos em estruturas como em (15b), mas não como em (15a). Desta forma, não há prejuízo de sentido ao se dizer “Peguei uma chuva”, ao invés de “Peguei uma grande chuva”. Todavia, não é possível dizer “Peguei o guarda” ou “Peguei a chuva” no sentido de “Peguei o guarda-chuva”. Levando em conta a rigidez estrutural e a definição de palavra (ver seção 1 deste capítulo), podemos considerar morfológicamente, no caso do composto, que estamos diante de apenas uma palavra.

Essa mesma assimetria quanto ao tamanho da PW e o tamanho da palavra morfológica é encontrada também em casos em que não temos compostos do ponto de vista morfológico, mas elementos contendo sufixos e prefixos com independência fonológica, ou seja, portadores de acento. À semelhança dos compostos, no caso de vocábulos formados por sufixos ou prefixos detentores de acento, a PW é menor do que a palavra morfológica.⁸ Nos exemplos em (16), enquanto a palavra morfológica equivale respectivamente aos vocábulos “pré-estreia”, “ex-governador”, “supermercado”, “seriamente” e “cãozinho”, a PW é menor que o vocábulo, pois equivale a cada domínio de acento. Assim, temos as seguintes palavras prosódicas: “pré”, “estreia”, “ex”, “governador”, “super”, “mercado”, “seria”, “mente”, “cão” e “zinho”.

- (16) a. [(**pré**)PW(-estreia)_{PW}]
 b. [(**ex**)PW(-governador)_{PW}]
 c. [(**super**)PW(mercado)_{PW}]
 d. [(**seria**)PW(mente)_{PW}]
 e. [(**cão**)PW(zinho)_{PW}]

Embora esses casos sejam semelhantes prosodicamente aos compostos por envolverem dois acentos em um único vocábulo, morfológicamente, estamos diante de elementos distintos. Os compostos são formados por composição, processo de formação de palavras diferente do processo de formação de palavras por prefixação e sufixação, i.e., a derivação. Na composição, temos a formação de um único vocábulo pela união de duas ou mais unidades de significação, semantemas. Ao tomarmos os exemplos em (16d) e (16e), notamos que os sufixos “-mente” e “-zinho” não tem o estatuto de semantema. Isso posto, depreendemos que o composto na fonologia pode ser di-

8 Sobre prefixos e sufixos com estatuto de palavra prosódica em português, conferir, entre outros, Lee (1997), Schwindt (2000; 2001), Vigário (2003) e Toneli (2014).

ferente do composto morfológico. Em ambos, sempre há mais de uma PW, mas, diferentemente do composto morfológico, as palavras prosódicas envolvidas na composição em fonologia não precisam consistir em unidades de significação.

Quando estamos diante de compostos morfológicos, como já dito, constituintes formados por mais de uma unidade de significação e mais de uma PW, questionamo-nos se o comportamento fonológico desses elementos seria igual ao de locuções, nas quais também temos mais de uma unidade de significação e mais de uma PW. Ainda que locuções e compostos tenham a mesma pauta acentual, na medida em que cada um dos elementos que os compõe possui acento próprio, em português, há diferenças quanto à ocorrência de fenômenos fonológicos envolvendo as palavras prosódicas no âmbito dos compostos e as palavras prosódicas que constituem as locuções.

Vigário (2007; 2010) mostra que, em português europeu, pode ocorrer elisão da vogal “e” da PW “grande” que forma a locução em (17b) (indicado por: 0), mas não em (17a) (indicado por: *0), onde a mesma palavra forma o composto, segundo Vigário (2007, p. 681).

- (17) a. O golo foi marcado de fora da grande área! [j]/*0
 b. Esse campo tem uma grande área de jogo *[j]/0

Em PB, Vigário e Fernandes-Svartman (2010) notam um comportamento diferenciado também para a atribuição de tons em palavras prosódicas pertencentes a locuções e em palavras prosódicas pertencentes a compostos. A atribuição de acentos tonais é muito mais frequente em palavras prosódicas não-cabeça⁹ quando compõem locuções (ex.: “engana malandros”; “menosprezava deslealdades”), independentemente do número de sílabas que compõem essas palavras,

9 Palavras prosódicas não-cabeça são aquelas que não portam o acento principal de dado domínio prosódico.

do que em palavras prosódicas curtas (de até três sílabas) não-cabeça quando compõem compostos (ex.: “o guarda-costas”; “minitorneios”).

Esse comportamento diferenciado entre palavras prosódicas que compõem compostos e palavras prosódicas que compõem locuções leva autores, como Vigário (2007, 2010) para o português, a postular um domínio prosódico próprio, nomeadamente, o grupo de palavras prosódicas, para dar conta dos fenômenos fonológicos que envolvem compostos do ponto de vista fonológico, abrangendo elementos como compostos morfológicos, vocábulos contendo prefixos ou sufixos acentuados, numerais, siglas e acrônimos, entre outros.

Passemos agora à discussão de outro caso de assimetria entre a concepção de palavra do ponto de vista fonológico e morfológico: o domínio do clítico e seu hospedeiro.

3. O CLÍTICO E O SEU HOSPEDEIRO

A noção de palavra pode ser, como vimos, definida a partir de diferentes arcabouços teóricos, considerados critérios linguísticos diversos. Entre as definições, há, em comum, a propriedade de haver acento para ser identificada palavra na fonologia. Essa propriedade tem a consequência de gerar dois grandes grupos, no arcabouço da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986): palavras acentuadas, rotuladas como *hospedeiro*, e palavras não acentuadas, rotuladas como *clítico fonológico*. Destaca-se que, em uma mesma classe de palavras, há aquelas que podem ser palavras prosódicas e outras, clíticos fonológicos, como exemplificado em (8) e há, ainda, comportamento variável de uma forma, como a preposição “para”, que pode ter acento ou não: “para” > “prá” > “pa” (MARCATO, 2014). Portanto, identificar processos fonético-fonológicos e características morfossintáticas das palavras é um campo de investigação bastante desafiador no escopo das relações entre fonologia e morfologia.

É relevante salientar que o clítico fonológico é dependente prosodicamente do hospedeiro, havendo evidências fonológicas de que essa relação de dependência configura um domínio prosódico, para abordagens que se assentam na linha do modelo *relation-based* da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986). Nessa abordagem, o clítico fonológico não é parte da PW necessariamente, conseqüentemente, haveria maior semelhança entre unidades da fonologia e morfologia. Alternativamente, essa dependência é interpretada como parte da prosodização do enunciado, não havendo um domínio prosódico específico, como previsto a partir do modelo *end-based* da Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; 1986), ou seja, o clítico fonológico pode ser parte da PW ou de constituintes como sintagma fonológico e, conseqüentemente, haveria menor coincidência entre as fronteiras das unidades da fonologia e morfologia. Essa diferença de formalização da prosodização dos clíticos está embasada no tipo de informação sintática relevante para a formação do constituinte prosódico e em alternativas de interpretação de processos fonológicos como evidências de domínio prosódico. Soma-se que, em cada abordagem, há—ainda—divergências específicas na formalização da prosodização dos clíticos, como descreve Silva (2018).

Nesta seção, recortamos desse cenário de abordagens evidências da distinção entre PW (de natureza lexical) e constituinte prosódico formado por clítico e hospedeiro (de natureza pós-lexical). Uma evidência dessa distinção é a janela de acentos no domínio da PW. O acento não excede a terceira sílaba a partir da fronteira direita da PW, como “falávamos”. Em sequência de hospedeiro e clítico, como “falávamos-nos”, a manutenção do acento na sílaba “la” é evidência de que o clítico “nos” não faz parte da PW (VELOSO, 2012). Dito de outra forma: entre “falávamos” e “nos” há uma relação de dependência prosódica, mas permanece uma fronteira morfossintática entre elas.

Outra evidência de que exista essa fronteira é a regra de neutralização da átona final na fronteira da PW, apresentada por Bisol (1996) e anteriormente exemplificada em (10a). Em (18), a neutralização da vogal átona [e] ocorre tanto no pronome “me”, quanto na forma verbal “leve”, o que sustenta a interpretação de o clítico não ser incorporado à palavra, constituindo-se uma fronteira morfológica entre esse clítico e seu hospedeiro. A regra se aplica independentemente da posição em que o clítico ocorre em relação ao seu hospedeiro, como a comparação entre (18a) e (18b) mostra.

(18) a. me leve > m[i] lev[i]

b. leve-me > lev[i] m[i]

O sândi vocálico é, segundo Bisol (2000), a evidência principal de que o clítico constitui com seu hospedeiro um domínio prosódico pós-lexical, diferente do domínio da PW. O sândi vocálico é um processo de junção entre sílabas em fronteira de palavras, podendo resultar em: degeminação, quando duas vogais iguais se fundem em uma sílaba (“uma africana” > “um[a]fricana”); ditongação, quando duas vogais diferentes são reestruturadas em uma sílaba (“no abajur” > “n[ua]bajur”); elisão, quando uma de duas vogais diferentes é apagada (“uma opinião” > “um[o]pinião”). A comparação entre os contextos de aplicação da degeminação e elisão feita por Bisol (2000, p. 26) permite constatar que: (i) a degeminação ocorre dentro de palavra entre fronteira morfológica (19a), entre clítico e hospedeiro (19b) e entre palavras prosódicas (19c); e (ii) a elisão da vogal /a/ não ocorre dentro de palavra (19d), mas ocorre entre clítico e hospedeiro (19e) e entre palavras prosódicas (19f). Portanto, a elisão não tem como domínio a PW, mas tem como domínio fronteiras do clítico com seu hospedeiro ou fronteiras de PWs. Vale acrescentar que a elisão da vogal /e/, em particular, é o

processo fonológico que se aplica, em PB, apenas na presença de um clítico, como demonstrou Bisol (2005, p.175), por meio dos seguintes exemplos: ocorre a elisão entre dois clíticos (19g), mas não entre clítico e PW (19h), nem entre PWs (19i).

- (19) a. reestabelecer > r[es]tabelecer
 b. do oceano > [do]ceano
 c. casa amarela > ca[za]marela
 d. baunilha > *bunilha
 e. uma hotelaria > u[mo]telaria
 f. casa escura > ca[zes]cura
 g. de um dia > “dum” dia
 h. de amor > *[da]mor
 i. cidade antiga > *cidadantiga

Por fim, problematizamos a relação de dependência fonológica dos clíticos em relação ao seu hospedeiro, abordada na seção 2.2, e a identificação de fronteiras de palavras, consideradas suas características fonológicas e morfológicas. Se aplicada a pauta acentual, exemplificada anteriormente em (4), ao substantivo “decoreação” e ao sintagma “de coração”, formado por preposição “de” e substantivo “coração”, observamos (em 20a e 20b) que suas pautas acentuais são exatamente iguais. Porém, apenas a preposição pode ter a vogal [e] alçada e a consoante [d] palatalizada, na variedade paulista do PB. O bloqueio desses mesmos processos em (20a), em contraste com a aplicação em (20b), permite a identificação da distinção entre cada estrutura gramatical. Em contrapartida, observamos que o advérbio “depressa”, em (20c), e o sintagma preposicionado “de pressa”, em (20d), são iguais quanto

à pauta acentual e à cadeia segmental, pois a preposição e a sílaba pre-tônica sofrem os mesmos processos fonológicos. Nesses casos, Silva (2018) demonstra, por meio de experimento de percepção, que o contexto sintático-semântico é a informação na qual os ouvintes se embasam para identificar cada estrutura.

- (20) a. decoração b. de coração c. depressa d. de pressa
 1 1 1 3 1 1 1 3 1 3 0 1 3 0

Concluimos esta seção tendo problematizado algumas das principais características dos clíticos em PB e deixamos de discutir, no entanto, evidências da direção da prosodização dos clíticos, um tema que tem relação com características morfossintáticas dos clíticos, mas que foge ao escopo deste capítulo. Instigamos o leitor a adentrar nessas águas um tanto turvas em que os clíticos se encontram ampliando a investigação sobre suas características morfossintáticas e fonológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tratamos da complexidade da noção de palavra na fonologia e na morfologia em PB com destaques a duas assimetrias em torno dessa unidade linguística. A primeira assimetria diz respeito à classificação de palavra do ponto de vista morfológico e do ponto de vista fonológico: formas dependentes não são consideradas palavras morfolologicamente, mas podem o ser fonologicamente, se forem detentoras de acento lexical. A segunda assimetria compreende o tamanho da palavra, podendo a palavra prosódica ser igual, menor ou maior que a palavra morfológica. Fundamentalmente, é a propriedade de ter acento que identifica palavra na fonologia, mas não na morfologia,

e que engendra essas assimetrias na medida em que os compostos morfológicos têm dois acentos e os clíticos não têm acento.

Essas problematizações têm aplicação ao ensino fundamental, tendo em vista a recorrência de hipossegmentações, como “denovo” (de novo), “ajudime” (ajude-me), “pegalo” (pegá-lo). Essas grafias, que se caracterizam pela ausência de marcas dos limites entre palavras na escrita, ocorrem predominantemente entre clítico e hospedeiro, como demonstraram Fiel e Tenani (2018). Também hipersegmentações, como “tarde sinha” (tardezinha) e “vacarosa mente” (vagarosamente) – cf. Tenani (2021) – estão especialmente relacionadas às reflexões que apresentamos sobre compostos, pois se caracterizam pela presença do branco no limite de PWs que formam um composto fonológico. Essas grafias dão pistas de que o acento de palavra fonológica seja um critério importante em que alunos em processo de aprendizagem das convenções ortográficas se embasam na produção textual em contraste com as convenções ortográficas que definem as fronteiras gráficas da palavra a partir de informações morfossintáticas principalmente.

Outra aplicação das questões apresentadas aqui diz respeito às tecnologias relacionadas ao reconhecimento de fala (ASR – *automatic speech recognition*), ou seja, programas computacionais que transcrevem a fala automaticamente. O aprofundamento do conhecimento das características prosódicas que distinguem compostos de locuções e que distinguem vocábulos simples do conjunto que inclui clítico prosódico e seu hospedeiro é de grande valia, por exemplo, no aprimoramento futuro desses programas.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. O clítico e o seu hospedeiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-184, 2005.
- BISOL, L. O clítico e seu status prosódicos. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-20, 2000.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2011[1970].
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- FIEL, R.; TENANI, L. E. Prosodização de clíticos em Português Brasileiro: pistas a partir de hipossegmentações. *Filologia e Linguística Portuguesa (Online)*, v. 20, p. 27-45, 2018.
- LEE, S-H. Sobre os compostos do PB. *D.E.L.T.A.*, v.13, n. 1, p. 17-33, 1997.
- MARCATO, F. *Análise prosódica de preposições monossilábicas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Fundação de Auxílio à Pesquisa do Estado de São Paulo, São José do Rio Preto, 2013.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*, 4a. ed. rev. ampl. Campinas: Pontes, 2002.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.
- ROSA, M. C. *Introdução à Morfologia*, 6ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SCHWINDT, L. C. *O prefixo do português brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística)–PUCRS, Porto Alegre, 2000.

- SCHWINDT, L. C. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A.*, v. 17, n. 2, p. 175-207, 2001.
- SELKIRK, E. O. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 371-405, 1986.
- SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1984.
- SELKIRK, E. O. The prosodic structure of function words. In: Beckman, J. N. ; Dickey, L. W.; Urbanczyk, S. (eds.). *Papers in Optimality Theory*. Massachusetts: University of Massachusetts, Amherst, GLSA, 1995. p. 439-470.
- SILVA, L. M. *Grafias não convencionais de preposições e sílabas pretônicas: pistas de prosodização de clíticos preposicionais*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Fundação de Auxílio à Pesquisa do Estado de São Paulo, São José do Rio Preto, 2018.
- SCHWINDT, L. C.; COLLISCHOONN, G. Harmonia vocálica variável no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Organon* (UFRGS), Porto Alegre, v. 18, n.36, p. 73-82, 2004.
- TONELI, P. *A palavra prosódica em português brasileiro*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- TENANI, L. *Sobre fronteiras: prosódia, escrita, palavra*. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2021.
- VELOSO, J. Unidades acentuais proparoxítonas e grupos clíticos em português. In: COSTA, A.; DUARTE, I. (eds.) *Nada na linguagem lhe é estranho: estudos em homenagem à Isabel Hub Faria*. Porto: Ed. Afrontamento, 2012, p. 471-483.
- VIGÁRIO, M. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (orgs.) *XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007. p. 673-688.

VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: Recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, v. 27, n. 4, p. 485-530, 2010.

VIGÁRIO, M. *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlim-Nova York: Mouton de Gruyter, 2003.

VIGÁRIO, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F. R. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: BRITO, A. M.; SILVA, F.; VELOSO, J.; FIÉIS, A. (orgs.) *XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Porto: Tip. Nunes, Ltda–Maia, 2010. p. 769-786.